



Revista Affectio Societatis  
Departamento de Psicoanálisis  
Universidad de Antioquia  
[affectio@antares.udea.edu.co](mailto:affectio@antares.udea.edu.co)  
ISSN (versión electrónica): 0123-8884  
ISSN (versión impresa): 2215-8774  
Colombia

2015  
Ana Maria Medeiros da Costa  
**O CORPO: TRAÇO, IMAGEM, AFETO**  
Revista Affectio Societatis, Vol. 12, N.º 22, enero-junio de 2015  
Art. # 7 (pp. 81-91)  
Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia  
Medellín, Colombia

## O CORPO: TRAÇO, IMAGEM, AFETO

Ana Maria Medeiros da Costa<sup>1</sup>  
Universidade del Estado de Rio de Janeiro, Brasil  
medeirosdacostaanamaria@gmail.com

### Resumo

O presente artigo resulta de investigações sobre questões clínicas de difícil abordagem, cuja expressão situa-se na passagem adolescente. Dentre essas questões encontramos uma grande incidência da busca por marcar o corpo, seja num sentido ornamental, com tatuagens e piercings; ou mesmo na produção de auto-incisões na pele. Serão abordados fundamentos em Freud e Lacan para dar conta dessas questões.

**Palavras-chave:** marcas corporais, compulsões, os gozos, psicanálise e escrita.

## EL CUERPO: TRAZO, IMAGEN, AFECTO

### Resumen

El presente artículo es el resultado de investigaciones sobre cuestiones clínicas difíciles de abordar, cuya expresión se sitúa en el pasaje de la adolescencia. Entre esas cuestiones encontramos una gran incidencia de la búsqueda de marcar el cuerpo, ya sea en un sentido ornamental, con tatuajes y piercings, o en la producción de autoincisiones en la piel. Se abordarán fundamentos en Freud y Lacan para dar cuenta de tales cuestiones.

**Palabras clave:** marcas corporales, compulsiones, los goces, psicoanálisis y escritura.

## BODY: TRACE, IMAGE, AFFECTION

### Abstract

This article results from research on clinical issues difficult to approach, which expression is located in the adolescent passage. Among these issues it is found a high incidence of searching for body marks, either in an ornamental sense –with tattoos and piercings– or even in the production of auto-incisions on the skin. These issues will be developed from Freud and Lacan's theories.

**Keywords:** skin marks, compulsions, *jouissances*, psychoanalysis and writing.

## LE CORPS : TRAIT, IMAGE, AFFECTION

### Résumé

Cet article est le résultat de recherches faites à propos de sujets cliniques difficiles à aborder, manifestations qui se présentent lors du passage à l'adolescence. Le fait de marquer le corps, soit dans un sens ornamental avec des tatouages et des piercings, soit en se scarifiant, compte parmi ces manifestations. Des principes chez Freud et Lacan seront abordés pour traiter ces sujets.

**Mots-clés :** marques corporelles, compulsions, les jouissances, psychanalyse et écriture.

*Recibido: 25/06/14*

*Aprobado: 28/08/14*

---

<sup>1</sup> Doctora en Psicología Clínica. Posdoctora en la Universidad Paris 13 (Francia). Profesora Adjunta de la Universidad del Estado de Rio de Janeiro (Brasil), ligada al PPG en Psicoanálisis, orientando maestría y doctorado. Psicoanalista miembro de la Asociación Psicoanalítica de Porto Alegre. Coordinadora de la Red de Pesquisa Interuniversitária Escritas da Experiência (CNPq).

O presente artigo resulta de investigações sobre questões clínicas de difícil abordagem, cuja expressão situa-se na passagem adolescente. Dentre essas questões encontramos uma grande incidência da busca por marcar o corpo, seja num sentido ornamental, com tatuagens e piercings; ou mesmo na produção de auto-incisões na pele. Estas últimas têm provocado inquietações, principalmente em clínicas públicas que atendem adolescentes. Em supervisão numa clínica pública para adolescentes – Centro de Atendimento Psicossocial (CAPS) da cidade de São Paulo – a equipe demonstrava sua angústia e incerteza de como proceder. O fantasma que sempre acompanhava era o quão longe a produção desses cortes iria. Precisa-se dizer que não havia homogeneidade nos casos trazidos: tanto eram produtos de mimesis de uma adolescente em relação a outras, quanto manifestações mais radicais de busca de limite.

O presente artigo resulta do acompanhamento de casos clínicos, tanto em supervisão de equipes em instituições, quanto na clínica privada. O método utilizado na abordagem sustenta-se das proposições da clínica psicanalítica, a partir de fundamentos freudianos e lacanianos, que não diferenciam teoria e prática. Neste sentido, o método clínico é também um método de investigação, perpassando todas as elaborações a respeito da clínica.

### **Problematizando as questões encontradas**

Temos que considerar as especificidades dos casos na relação com esse tema. Uma primeira pergunta nos vem: como situar a diferença entre estes e outras buscas mais próximas de uma estética, como no piercing? Esses casos fazem pensar numa especificidade que está em causa nas situações que envolvem a passagem puberdade/adolescência, dizendo respeito a atuações que não fazem sintoma e que produzem compulsão. As atuações em questão capturam o olhar, buscam um mostrar. Como aproximação, tomamos uma proposta de Lacan a propósito do olhar enquanto um objeto pulsional. Diremos que há uma tentativa de fazer cair o olhar, enquanto objeto excesso, objeto que tampona. Assim, colagem entre essas atuações e o olhar do outro não produz sintoma, produz compulsão. Situamos, aqui, a referência da clínica psicanalítica ao sintoma como posicionando o sujeito na relação à castração, como uma resposta possível construída singularmente. Não parece ser o que está em causa nessas atuações que nos detemos. Acrescentemos que são casos mais característicos em meninas.

### **Desdobramentos conceituais**

Numa primeira aproximação ao tema, tentaremos situar a referência às marcas corporais, que também são buscadas por adolescentes, para depois desenvolver a especificidade da questão clínica colocada. De uma maneira mais ampla, podemos designar a busca de produção de marcas corporais, tais como tatuagem, piercing, escarificações, como formas de fazer bordas. Denominamos de *borda*, a partir de uma proposição de Lacan, toda tentativa de produzir limites inscritos no corpo. Ao longo da história parece ter se constituído — de diferentes formas, em diferentes culturas — buscas coletivas por marcar o corpo. Essas produções têm a ver tanto com uma erotização — e sua necessidade de suporte no Outro — quanto com algo que se apresenta enigmático, como resto corporal. As bordas são o que constituem a nossa relação com o ambiente, com o Outro e com a realidade. De bordas se constitui nosso olhar na produção de uma imagem que nos vem

de fora e que registramos como sendo nossa. Apesar de já nascermos com a capacidade de seu funcionamento, sua atividade não se dá de forma natural, precisando ser constantemente reconstituída. Essa necessidade responde a uma condição de desnaturação, de determinações heterogêneas nos suportes corporais, obedecendo a diferentes registros — Simbólico/ Imaginário/ Real —, tal como proposto por Lacan.

Os atos de furar e recortar o corpo, produzindo marcas e desenhos, não podem ser considerados como característicos de sociedades ditas primitivas. Esses atos acompanham a história da humanidade desde seus primórdios, adequando-se a suas diferentes culturas, com usos e costumes específicos. Ao que se liga essa necessidade e será que podemos considerá-la caracteristicamente humana, não constituindo “desvio”, ou mesmo algo excepcional? Se tomarmos os testemunhos histórico-antropológicos responderemos positivamente a esta pergunta. O que nos leva à indagação seguinte: o que será que é buscado na produção de marcas corporais? Será que podemos considerar essas marcas como busca de uma escrita? No caso da tatuagem, por exemplo, essa aproximação parece mais evidente, na medida em que essa marca traça um desenho na pele.

Não é simples apreender as relações entre os diferentes suportes do corpo, na medida em que tanto seu funcionamento, quanto sua contenção pressupõe uma heterogeneidade radical. Estamos denominando de heterogeneidade à condição de que o suporte do corpo — em que se faz junção imagem e organismo — inclui símbolos e imagens. Assim, podemos considerar que uma imagem, na medida em que ela é *vital* — ou seja, é necessária e não dispensável — faz parte do orgânico. E as imagens vão se apoiar, privilegiadamente, nos orifícios do corpo: olhos, ouvidos, boca, ânus... Estas relações são encontradas tanto em Freud, no suposto, por exemplo, de que a analidade pode constituir o caráter de um sujeito; quanto em Lacan, nos diferentes desdobramentos sobre as pulsões. Por essa condição os orifícios serão erogeneizados, ou seja, lá onde aparentemente cumprem uma função de satisfazer uma necessidade biológica, outra função entra em causa.

Apresentamos, assim, questões bastante transitadas na psicanálise, mas que se faz necessário retomar para abordar o tema proposto. O que chama atenção tanto na tatuagem, quanto no *piercing* é sua dupla condição: a de fazer orifício e a de acrescentar elementos estranhos ao organismo como compondo o corpo próprio. Estas duas condições nos dão uma pista sobre a constituição do olhar, na medida em que ambas colocam em causa essa referência pulsional. A constituição do olhar apoia-se também na inclusão de uma exterioridade — um elemento estrangeiro — no próprio funcionamento do corpo. Assim como corpo não se diferencia de imagem corporal, também o que constitui elemento exterior — que seja um signo do Outro — faz parte do corpo.

É na medida em que não há assimilação completa, que permanecem heterogeneidades na constituição dos suportes do sujeito, que o signo do Outro aparece como intrusão, ou mesmo como violência. Fundamenta-se nessa questão o que foi proposto por Freud como originário e por Lacan, na referência aos gozos. Fica como resto uma marca das relações primárias. Aqui cabe distinguir violência e agressividade, na medida em que são duas formas de arranjo diferentes. Na violência, o sujeito está na relação direta ao Outro, sem mediação do semelhante. Na agressividade — tal como Lacan desenvolve a partir do suporte especular — a relação é mediada pelo semelhante, que porta um traço do Outro que o sujeito demanda. Esses processos são importantes nas constituições das identificações. Mas, paradoxalmente, trazem junto a ambigüidade de um corte nunca completado e sempre repetido. Com isso percebemos as razões dos humanos terem prazer na dor. Freud situou com muita precisão a função primária do masoquismo. São momentos em que o sujeito se *ausenta* de seu corpo, em diferentes tipos de entrega.

Podemos acompanhar mais detidamente essas questões na sobredeterminação que implica a tatuagem. Pela função de erotização, ela dá *corpo* a algo inapreensível, como pode ser o traço primeiro que funda a desnaturação do sujeito, conferindo, ao mesmo tempo, erotismo a seu funcionamento corporal. Assim, a tatuagem pode colocar em cena um valor totêmico. Esse valor vai fazer com que o corpo com sua representação seja a um só tempo, coletivizável e singular. O singular se refere ao traço que pode capturar o olhar do outro. E o que torna coletivo é o lugar que esse olhar pode conferir como busca de identidade.

Esses elementos parecem dizer respeito à necessidade de algo que atualize — colocando em ato — o primarismo de marcas corporais. Elas compõem a reunião de heterogêneos, como podem ser o registro corporal de um símbolo (o sem sentido e abstrato traço que o nome próprio traz de enigmático, como primeira marca simbólica); bem como a experiência corporal de prazer/desprazer, definida por Freud como necessária à incorporação.

No que diz respeito ao registro pulsional do ato de tatuar, é importante lembrar duas passagens do trabalho de Lacan. Numa delas, que se encontra no texto sobre a subversão do sujeito, o autor constrói uma alegoria da pulsão como um escravo mensageiro, do tempo antigo, que leva uma mensagem que lhe foi tatuada no couro cabeludo enquanto dormia e sem que ele soubesse, sendo que ele desconhece o texto, e mesmo que o condena à morte, quando tiver chegado a seu destino. Com essa alegoria, Lacan nos indica um elo da pulsão com a tatuagem: de como nosso corpo é marcado de traços — invisíveis e incompreensíveis, apesar de expressarem materialidades — que buscam o endereço de uma leitura. Nesse sentido, constrói-se um elo entre olhar, endereçamento e um pedido de decifração. São duas determinações importantes: a busca de um lugar no Outro, pela busca de uma decifração de traços corporais. Essa busca de leitura, ou mesmo decifração, pode situar imaginariamente um destino.

A outra passagem está contida no seminário sobre os conceitos fundamentais da psicanálise. Ali, Lacan liga a tatuagem com uma função da erótica. Essa erótica constitui-se de uma forma muito complexa: desde uma espécie de encarnação do órgão (o corte e a cicatriz dizem de um masoquismo erógeno), até o sítio do sujeito, nesse ser para o Outro, marcando seu lugar. Neste último sentido, aproxima-se à impressão do traço unário. Em outro lugar, do mesmo seminário, Lacan refere que o traço unário se marca como tatuagem — primeiro dos significantes — operando no nível da contagem, instituindo uma diferença que singulariza o lugar do sujeito.

Também na clínica essas questões se atualizam com o surgimento da angústia — esse “afeto que não engana”, no dizer de Lacan — quando a eclosão de uma crise desorganiza o suporte do corpo. Em algumas formações clínicas é corriqueiro que o sujeito precise compulsivamente olhar-se no espelho, numa relação fascinada com o que aparece de excessivo na imagem, retroalimentando sua angústia. Nesses casos (a anorexia é paradigmática, mas surge em outras produções sintomáticas), é no excesso que marcas e traços se situam. Tal como propõe Lacan, surgem como signos, dizendo respeito a que ali a falta “pode vir a faltar”.

Assim, partindo dessa breve apresentação de questões complexas, situamos as diferentes produções *em corpo*, tais como traços, marcas e afetos. Buscamos situá-las também a partir da proposição lacaniana sobre os gozos, em que a referência à escrita — em distintas vertentes — resulta de que a relação sexual *não cessa de não se escrever*. Por essa via é necessário investigar as diferentes relações — que aqui podemos somente entrever — entre corpo e escrita.

## Lacan e a proposição dos gozos

As questões acima vão encontrar desdobramentos importantes em Lacan. Para situar os fundamentos lacanianos, começaremos por retomar uma passagem de seu Seminário de 1972-73, em que aborda os chamados caracteres sexuais secundários. Estes últimos ganharam ali a designação de *amuro*:

O amuro é o que aparece em signos bizarros no corpo. São esses caracteres sexuais que vêm do além... a respeito do qual farei vocês notarem que não se pode dizer que seja vida, pois aquilo também porta a morte, a morte do corpo, por repeti-lo. (1985/1972-73: 13).

A expressão *amuro* é situada numa certa equivalência com o corpo, na medida em que este se apresenta como uma superfície que se presta à escrita. Também neste sentido entendemos a colocação de “signos bizarros”, como marcas sem sentido, que trazem o objeto como uma presença excessiva. Esse neologismo laciano permite uma leitura do corpo em excesso, como pode se apresentar na puberdade, por exemplo. Nesse momento os objetos pulsionais — objetos *a*, na álgebra laciana, que designam, entre outros, a voz e o olhar — manifestam toda sua condição estrangeira, que tem efeitos de estranheza e bizarrice. É quando, na puberdade, a própria voz e o olhar do Outro retornam como signos: referentes de um enigma insondável que trazem impedimentos do sujeito na representação de seu corpo. Pode-se pensar que a procura por marcar o corpo nesse momento duplica esses signos estrangeiros, dos quais o corpo é portador. As disseminações generalizadas de piercings e tatuagens nesse momento específico podem evidenciar isso.

Por meio das colocações destacadas, Lacan começa a desenvolver suas questões a respeito das diferentes formas de gozo. Na abordagem da relação aos caracteres sexuais secundários, que se designa inicialmente como *amuro*, o autor situa uma questão específica: que o *amuro* responde pelo gozo do corpo do Outro. E aqui encontramos um paradoxo: que corpo será esse se em formulações anteriores no Outro, para Lacan, situava-se o código, a língua? As modificações no estatuto do Outro se produziram a partir do encontro de um paradoxo. Por um lado, o Outro como lugar do código, somente se manteria como tal se esse código, como uma prescrição desde sempre estabelecida, dispensasse o corpo. Por outro, o corpo é hábito, identificação, sem nenhuma consistência de *ser*, ou mesmo de suporte fora da linguagem. Logo, existe uma relação necessária entre corpo e Outro, no sentido que é deste lugar que se produzem as representações e identificações que são suportes corporais. Mas essa relação situa-os numa espécie de mútua exclusão. Ou seja, temos ali uma imbricação, que se constitui imaginariamente como interdependência, mas que diz de um acoplamento nunca completado, do qual o inconsciente — seja como *isso*, o real pulsional, seja pelo precipitado de suas formações — é resultante.

A menção ao corpo como hábito diz respeito a uma passagem do seminário destacado acima, em que Lacan se utiliza dessa expressão. A evidência clínica dessa questão aparece das mais diferentes formas. Sempre que se perdem referências identificatórias, o corpo perde seus contornos e isso se faz sentir como efeitos reais. Esses efeitos são diversos, conforme a seus determinantes singulares. Lacan privilegiou a angústia, na medida em que ela é constante na “dispersão” do corpo, provocada pela perda de seu amparo identificatório. Os exemplos dessa dispersão incidem desde uma clivagem, a qual pode ser considerada como “normalidade” neurótica, até sua expressão mais radical de dispersão nas diferentes psicoses. As pessoas costumam não ter empatia pelas expressões da psicose porque no seu encontro podem perder a unidade

física. Sem os elos identificatórios as palavras se perdem pelas frases sem final nem sentido, e o corpo vai junto com seus dejetos.

A produção da cultura resulta, então, do trabalho com dois extremos irrealizáveis: as duas muralhas do impossível, segundo expressão de Lacan quando tenta precisar a relação do sujeito à satisfação. A condição de supor um sujeito ao código passa pela necessidade de dar-lhe um corpo, o que implica em passar pela fala, pela voz enquanto expressão corporal. Assim, tal qual propõe Lacan, a satisfação buscada vai inscrever-se entre dois irrealizáveis. Nesses dois extremos é que o autor situou as formas limites de gozo de um corpo, corpo este que somente se sustenta no suporte da linguagem. Nesse sentido, o gozo trará a marca de uma perda e seus signos se deslocarão por tentativas de representação no laço social. Os dois extremos do gozo do *fallasser* (que, na medida em que somente se inscreve como perda, precisa incluir um símbolo do Outro) serão, assim, de um lado gozo do Outro, de outro lado gozo Outro. No primeiro, poderia pensar-se que seria o símbolo que goza, onde na crise psicótica, por exemplo, os objetos corporais (voz, olhar) tornam-se invasivos e absolutamente estrangeiros ao sujeito, como forcluídos de qualquer possibilidade de circulação. No segundo, o corpo se confunde com o símbolo e goza mudo, em que também não há possibilidade de constituir troca, ou circulação. O exemplo mais representativo deste seria o gozo dos místicos.

Os gozos podem estar na referência direta à montagem de uma cena, dentro do que em psicanálise pode-se descrever como cena fantasmática: ponto de captura primária do sujeito. Situamos essa questão como *função* de representação. Este lugar onde o sujeito fica capturado advém de uma espécie de soldagem ao signo do Outro, situando nesse signo um lugar objetal. Ou mesmo, por outro lado, nas crises psicóticas, quando traços da realidade cotidiana transmutando-se em injunções do Outro. O encontro banal com a repetição de uma cor pode representar um índice persecutório da trama desse Outro. Frequentemente, também as expressões sociais esvaziadas de sentido (como um polido comentário: “passe bem”) adquirem a densidade de todos os sentidos possíveis.

Uma curiosidade a propósito do gozo místico — gozo Outro segundo Lacan — é sua expressão atual como anorexia de jovens adolescentes. É desde esse lugar que o mutismo do Outro na puberdade se expressa como privação na anorexia, a partir do encontro da injunção ao exercício de uma posição sexuada. É a plenitude no vazio do Outro que a jovem põe em cena. As expressões lacanianas “real pleno”, ou mesmo “compacidade da falta” são bastante apropriadas aqui.

Por último, no meio do caminho entre os dois gozos anteriormente descritos, numa outra leitura do que Freud definiu como o estrabismo da neurose, o gozo que estabelece uma circulação necessária, que é o gozo da palavra — que Lacan denominou gozo fálico — enlaçando um endereço ao código, como sendo relativo a um sujeito suposto saber. Essa maneira de apresentar as coisas também pode ser considerada como uma outra leitura do texto freudiano sobre a fantasia de flagelação. Como vimos, uma significação e sítio para o *eu* é criado a partir da entrada em causa do amor. É pelo amor que entra em causa um sujeito suposto saber e, desta maneira, o *eu* pode demandar guarida e significação.

No entanto, deve-se considerar que numa tal organização a circulação da palavra, o estabelecimento de uma comunidade de código, vai girar por todos os extravazamentos que a constituem, na necessidade de singularizar esse código. Essa singularidade constitui-se primeiro pela condição de que, como diz Lacan, *falamos com nosso corpo*. E é por essa necessidade que a palavra nunca vai estar completamente contida numa única forma de circulação e que sempre vai haver expressão das outras formas de gozo. Essas formas

de satisfação pulsionais, que deslocam a relação entre os sexos, o autor interpretou-as na expressão *não há relação sexual*, que foi sua maneira de descrever a relação à castração.

Segundo Lacan:

Não há relação sexual porque o gozo do Outro, tomado como corpo, é sempre inadequado — perverso de um lado, no que o Outro se reduz ao objeto *a* — e do outro, eu direi louco, enigmático. Não é do defrontamento com este impasse, com essa impossibilidade de onde se define um real, que é posto à prova o amor? (1985/1972-1973: 197)

Assim, pelo amor, na idealização, na atribuição de um sujeito suposto ao saber, a palavra toma corpo, demanda e estabelece identificações. É nessas condições que se constituem os circuitos de palavras. Nas condições onde o amor supõe um sujeito e um saber e, desta maneira, constitui um lugar para endereço, recorte e organização do corpo/código, corpo/Outro.

Partindo dessas fundamentações é possível debruçar-nos sobre a especificidade das relações corpo/escrita, naquilo que testemunhamos clinicamente como uma busca do sujeito pela escrita de um ponto inapreensível, que pudesse apresentar uma perda de gozo, enquanto elemento separador corpo/Outro, resultante dessa perda.

### **A puberdade como mácula**

Normalmente não se pensaria na puberdade como uma mácula. A imagem do puber traz o oposto, algo que diz de um imaculado, de um corpo ainda não violado, virgem. Algo o faz estar nessa posição: o puber é aquele que não se definiu na sexualização, é aquele que carrega os dois sexos. No entanto, no lugar desse cruzamento, algo o interpela na necessidade de definir, de precisar perder. Há uma condição de interpelação muito própria desse momento. Assim, essa imagem que parece imaculada produz a atração do imberbe, há algo do erotismo próprio a essa passagem.

Por que seria, então, mácula? Ali se coloca uma questão fundamental com relação ao corpo. Essa questão diz respeito à feminização como horror à castração. Bem entendido: o feminino, aqui, não diz respeito à diferença dos sexos. O feminino diz respeito a algo que, tanto na cultura, quanto na clínica, se tematiza como horror a castração. Ora, mas se não diz respeito à diferença dos sexos, por que falar então em castração? Acentuamos, aqui, a questão do olhar e a relação entre o olhar e o horror.

Digamos que ali se apresenta um litoral na relação da puber com a imagem do corpo, nessa passagem puberdade/adolescência. É quando seu corpo deixa de ser uma questão da mãe. O horror à castração em causa é a perda da condição específica desse olhar que dizia do corpo, produzindo uma fenda, um gap não representável. Nesse sentido, colocam-se dois elementos privilegiados a se destacar nessa passagem. Por um lado, o olhar que situa uma dobradiça entre horror e fascínio. E, por outro lado, a relação com o saber. Ao trazer a imagem do litoral, evocamos a colocação lacaniana de que o litoral faz um furo no saber. É nesse sentido que a passagem puberdade/adolescência faz um furo no saber, um furo de uma atribuição do saber à mãe. Nesse sentido, algo escapa da relação direta que existia antes, do corpo da menina com o saber materno. É um corte na relação da infância, em que as expressões no corpo se dirigiam a algo desse saber.



Podemos situar, aqui, a correlação entre o furo no saber e um olhar que se perde. Todas as expressões de velamento, que surgem nesse momento, dizem disso: algo precisa ser velado, escondido. É nessa medida que esses cortes na pele expressam um paradoxo de serem, ao mesmo tempo, para esconder e para mostrar.

O furo no saber, o que não se sabe, é representado na cultura, ao longo dos séculos, de muitas formas. Podemos situar, por exemplo, o medo ancestral que alia feminino ao temor a castração. Por essa via, os rituais religiosos tomam para si a condição de fazer esse furo, indicando que somente a relação com a palavra não basta, colocando em causa a necessidade de marcar o corpo, produzindo um corte como correlativo da relação com a palavra. Nesse sentido, o que se produz como referencia significativa incide no corpo. Os rituais religiosos evocam isso, como na prática da circuncisão: seja na religião judaica, seja nas religiões em que se pratica o corte do clitóris.

Todas essas questões expressam a relação com um furo no saber que nenhum sistema discursivo pode dar conta de suturar; furo, este, correlativo ao que no corpo é impossível de representar. É isso que muitas vezes surge situado como enigmático, ou como signo do estranho. Lacan propôs chamar de amuro, quando a mudança no corpo, na puberdade, aparece como signos bizarros, não interpretados pelas representações antes disponíveis.

Lembremos, aqui, das obras de Caravaggio. É de impressionar as muitas representações, em suas obras, de cabeças decepadas, inclusive a dele mesmo. Ele se toma como modelo no quadro *David e Golias*: é a representação de sua cabeça que David segura na tela. De suas obras ressaltamos *A cabeça de Medusa*. Esse mito é bem interessante e muito já se produziu a respeito. Freud, inclusive, escreveu um pequeno comentário sobre a cabeça de Medusa, situando esse tema na relação com o falo e a castração. Podemos reconhecer tanto no mito, quanto na pintura da cabeça de Medusa — como representante desse horror a castração — uma articulação muito precisa com o olhar. Na mitologia, Medusa não poderia ser olhada diretamente. Aqui, podemos articular olhar e saber, situada nessa passagem como um vazio inexorável da castração.

Nesse sentido, justifica-se pensar na puberdade como uma mácula e todo o sentimento de estranhamento e bizarrice em relação ao próprio corpo, nessa passagem, colocam em causa isso. Encontramos uma série de produções, tanto nas artes plásticas, como na literatura que dizem disso, situando relações entre vazio e excesso no lugar do olhar, como verso e reverso da mesma questão. Na relação com o estranho — situando esse furo no saber — apresentam-se dois caminhos extremamente corriqueiros na clínica. De um lado a angústia: quando esse vazio vem como excesso, como se fosse pleno; de outro lado, exemplos dessa clínica mencionados antes, situando uma ausência do próprio corpo na produção dos cortes. Tanto no exemplo das meninas, quanto em outros, em que se coloca a mesma questão, as atuações colocam em causa uma cena. É uma cena onde o corpo é palco de alguma coisa. Sendo atuada, vai buscar algo no Outro. O que se coloca em causa na construção dessa cena, por que necessita ser construída como uma cena?

Construção da cena: ausência do próprio corpo, produção da rasura no corpo, direção ao Outro na busca de constituir um ponto cego. Encontramos aqui um paradoxo, porque aparentemente o corte dirige-se a ser mostrado. No entanto, na medida em que se trata da rasura no corpo enquanto lugar desse Outro sem bordas, a busca é de produzir bordas, logo, um ponto cego. O ponto cego é o que organiza a cena: é a própria condição de possibilidade de construção do olhar. Evocando uma referência a Lacan, para que seja

possível a construção do olhar — disso que implica a castração — é necessária a produção de uma falta no Outro, que é propriamente um ponto cego. Na relação entre olhar e saber é necessário um ponto cego, porque um olhar que tudo vê é insuportável. Tem-se uma expressão para essa face do olhar: a evidência. Um saber que é evidente, que é só olhar para saber, sem expressões de dúvida nem tempo de compreender, situa muito claramente a relação do sujeito com a cena.

Uma evidência não é sustentável durante muito tempo no campo do saber, na medida em que o sujeito precisa produzir o insabido do inconsciente, seja por meio do acting-out, ou formações do inconsciente. No caso desses exemplos mencionados, a produção do corte busca inscrever um ponto cego, algo de uma borda, um furo no Outro, fazendo o próprio corpo como palco desse Outro. A proposição lacaniana diz que a construção de um quadro depende da produção de um ponto cego. Nesses casos, diz respeito a que algo decaia enquanto saber: que decaia do saber materno como saber sobre o corpo da puer. Assim, a produção do ponto cego por meio da rasura implica na construção da cena. Aqui se situa a difícil intervenção da equipe: a cena captura, ela inclui, enquadra quem se ocupa de estar nesse lugar. Toda a direção do trabalho corre o risco de ser engolida na relação à cena. A cena vale pelo saber e o inconsciente é atuado como ponto cego no corpo da menina.

É curioso, todos na equipe que se ocupam disso olham direto na cabeça da medusa, tornam-se pedra, gozam do vazio como sendo pleno. Para que se possa ter um olhar enviesado é preciso se pensar como é possível constituir, nessa organização, algo que possibilite a experiência da perda. Essa clínica, que aparentemente coloca o tempo inteiro a castração, o que ela apresenta é a cena e, nesse sentido, um não registro da perda. Por essa razão a atuação pode levar, cada vez mais, a aumentar seu risco. Intervir em clínicas assim é complicado, na medida em que são várias pessoas que se ocupam do mesmo caso. É uma clínica difícil e, nesse sentido, traz todo um desafio. É também por essa razão que essa ausência do corpo, que essa objetualização na apresentação do corpo como cena — também as histéricas clássicas o faziam — traz todo um desafio nas clínicas públicas. Esse desafio está também no consultório privado, na medida em que não é dispensada essa relação com o quadro. O enquadre do consultório não garante a vigência da relação do sujeito com a fala.

## Referências bibliográficas

- Assoun, P-L.** (1999). *O olhar e a voz*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Bruna, D.** (2001). *Piercing: sur les traces d'une infamie médiévale*. Paris: Ed. Textuel.
- Callois, R.** (1996). *El hombre y lo sagrado*. México: Ed. Fondo de Cultura Económica.
- Costa, A. M. M.** (1998). *A ficção do si mesmo. Interpretação e ato em psicanálise*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud.
- Costa, A.M. M.** (2001). *Corpo e escrita: relações entre memória e transmissão da experiência*. Rio de Janeiro: Relume Dumará.
- Costa, A. M. M.** (2003). *Tatuagem e marcas corporais. Atualizações do sagrado*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Coutinho-Jorge, M. A.** (2010). *Fundamentos da psicanálise de Freud a Lacan, vol. 2: a clínica da fantasia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Didier-Weill, A.** (1995). *Les trois temps de la loi*. Paris: Ed. du Seuil.

- Freud, S.** (1972). Más allá del principio de placer. En *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabajo publicado originalmente en 1920).
- Freud, S.** (1972). La cabeza de medusa. En *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabajo publicado originalmente en 1922).
- Freud, S.** (1972). La negación. En *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabajo publicado originalmente en 1925).
- Freud, S.** (1972). El problema económico del masoquismo. En: *Obras completas*. Madrid: Biblioteca Nueva. (Trabajo publicado originalmente en 1924).
- Lacan, J.** (1991). *O Seminário livro 17. O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabajo publicado originalmente en 1969-70).
- Lacan, J.** (2007). *O Seminário. Livro 23. O Sinthome*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabajo publicado originalmente en 1975-76).
- Lacan, J.** (1985). *O Seminário. Livro 20. Mais, ainda...* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabajo publicado originalmente en 1972-73).
- Lacan, J.** (1996). *De um discurso que não seria do semblante*. Recife: Circulação interna do Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Trabajo publicado originalmente en 1971-72).
- Lacan, J.** (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão depois de Freud. En *Escritos*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabajo publicado originalmente en 1957).
- Lacan, J.** (1998). *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabajo publicado originalmente en 1960).
- Lacan, J.** (2005). *O Seminário. Livro 10. A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabajo publicado originalmente en 1962-63).
- Lacan, J.** (1985). *O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabajo publicado originalmente en 1963-64).
- Lacan, J.** (2008). *O Seminário. Livro 16. De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabajo publicado originalmente en 1968-69).
- Lacan, J.** (2003). *Lituraterra*. En *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabajo publicado originalmente en 1971).
- Mieli, P.** (2002). *Sobre as manipulações irreversíveis do corpo*. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria.
- Pierrat, J. e Guillon, E.** (2000). *Les hommes illustrés: le tatouage des origines a nos jours*. Tours : Editions Larivière.
- Pommier, G.** (2000). *Les corps angéliques de la postmodernité*. Paris: Ed. Calmann-Lévy.
- Rassial, J-J.** (1997). *A passagem adolescente: da família ao laço social*. Porto Alegre: Artes e Ofícios.
- Soler, C.** (2005). *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Soler, C.** (2007). *O inconsciente a céu aberto da psicose*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Sarduy, S.** (1979). *Escrito sobre um corpo*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Vegh, I.** (2005). *O próximo. Enlaces e desenlaces do gozo*. Rio de Janeiro: Cia. de Freud Ed.
- Vodret, R.** (2012). *Caravaggio e seus seguidores*. São Paulo: Base 7 Projetos Culturais.

Para citar este artículo / To cite this article / Pour citer cet article / Para citar este artigo (APA):

Costa, A. M. M. (2015). O corpo: traço, imagem, afeto. *Revista Affectio Societatis*, 12(22), 81-91. Medellín, Colombia: Departamento de Psicoanálisis, Universidad de Antioquia. Recuperado de <http://aprendeenlinea.udea.edu.co/revistas/index.php/affectiosocietatis>